

F. Fernandes
Rua Nebrasca, 392
04560 São Paulo, Sp

São Paulo, 3 de Maio de 1983

Prezada professora Mariza Peirano:

Agradeço as suas duas gentilezas: enviar-me a publicação que toma por objeto o maturo da minha passagem pela antropologia (e pelo estudo dos Tupinambá: juro, sem confundir pesquisa de campo com pesquisa de reconstrução histórica!) e o seu amplo estudo sobre a antropologia brasileira. Li todo o primeiro trabalho e fiz uma leitura ^{transversal} ~~vertical~~ do segundo.

Confesso: você é uma trabalhadora de garra e enorme potencial. Fiquei pensando o que você poderia ter feito se estivesse em São Paulo na década de 1950 e no início da seguinte. O que você tem de grande perdeu-se pelo massacre psicológico que todo estudante estrangeiro recebe nas universidades dos centros imperiais, especialmente as dos Estados Unidos. Que me baste um exemplo: ver a sociedade de classes de um ângulo em que estas se volatilizariam para dar lugar ao aparecimento da Nação! O que é a ~~na~~ Nação se se elimina a base material da produção capitalista e a organização social das classes? E como tomar como referência o modelo de Nação para o qual tendemos e do qual somos bloqueados pelo próprio estrangulamento externo, agora internacionalizado? A sua bibliografia ultra-moderna seguiu o padrão vigente e ficou faltando a sólida crítica ideológica, que permitia separar a explicação antropológica "neutra" da explicação antropológica crítica.

Não faço esta reflexão para incomodá-la. Confesso-me encantado com sua ambivalência e ambiguidade diante de minha pessoa como autor e da produção intelectual que se planta no início de minhas tentativas de ir além das limitações vigentes (e tendo em vista o nosso público, a nossa realidade, as nossas necessidades totais diante da ciência original; nunca tive o olho pregado no exterior e se travasse um diálogo, era com o A. Candido, com a Giocanda e com tantas outras pessoas que dividiam comigo a sua condição humana). Essa ambivalência e essa ambiguidade foram benéficas; mesmo quando você usa o cutelo, prepara uma cesta forrada de veludo para colher a cabeça; e com agrado, repõe a mesma em seu lugar, assoprando onde poderia doer, para que tudo fique o melhor possível dentro do meu mundo. Nunca fui tratado com essa generosidade, que deve nascer do seu caráter e do seu temperamento. Os universitários gostam de outra prática, que faz escorrer o sangue...

Bem, desejo-lhe o maior êxito possível. Para aproveitar seu fôlego, aconselharia a refundir a tese, despreendendo-a dos parâmetros que eram exíguos para o seu próprio tamanho. Com um abraço cordial,

Flores Fernandes